

MESA REDONDA

O MUSICOTERAPEUTA: ALÉM DA PRÁTICA CLÍNICA

MT Ronaldo Millecco - RJ

Ao receber o convite para participar desta mesa, pensei em três questões básicas que pudessem nortear uma reflexão sobre o que fica para além da clínica em musicoterapia. As tentativas de resposta às questões levantadas, apresentadas aqui em tópicos, visam apontar algumas direções que possam ser úteis para que pensemos em nosso perfil profissional e nas inúmeras possibilidades de inserção da musicoterapia no âmbito cultural e político em que estamos inseridos.

O QUE NOS LEVA AO DESEJO DE NOS TORNAR MUSICOTERAPEUTAS ?

1. A MÚSICA / creio que há sempre uma “certa” intimidade com a expressão musical, que envolve uma enorme gama de possibilidades de relacionamento com a música, com vários níveis de intimidade. Muitas vezes encontramos o temor ou alguma dificuldade com relação ao universo musical, sendo duas as modalidades: para quem teve uma formação musical tradicional e/ou acadêmica, pode ser difícil improvisar, transpor tonalidades e demais características intuitivas; para quem aprendeu música “de ouvido” e desenvolveu intuitivamente sua musicalidade, pode ser difícil transitar com intimidade nos códigos da linguagem musical. Mas de qualquer maneira, em qualquer das possibilidades, creio haver um conhecimento visceral das possibilidades terapêuticas da música;

2. A VONTADE DE TRATAR / a disponibilidade frente ao Outro, de dispor-se à contribuir de alguma maneira para o crescimento alheio, é acompanhada, em alguma medida, da necessidade de ser trabalhado terapêuticamente, da precisão de desenvolver-se existencialmente. Esse gosto por se superar através da expressão artística, tendo a música como ferramenta preferencial, aponta para a potencialização dessas duas marcas – música e necessidade de transformação.

O QUE É NECESSÁRIO A UM MUSICOTERAPEUTA ?

1. Primeiramente, transcender o temor e ampliar a intimidade com a música, o que está sempre em pauta, pois o crescimento profissional se dá em movimento contínuo e espiral;
2. Ter uma prática musical, seja como estudo e aperfeiçoamento, seja pela busca estética e artística propriamente dita;
3. Conhecer sua história musical e existencial;
4. Conhecer e trilhar, na medida do possível, os procedimentos de um processo musicoterápico;
5. Ter jogo de cintura para adaptar-se às condições concretas, buscando superar as limitações inventando saídas, o que lembra o terceiro movimento do Ritornelo (Deleuze e Guattari);
6. Saber-se pertencente ao campo dos trabalhadores sociais da saúde, acompanhando e participando do debate interdisciplinar dentro das equipes de trabalho, contribuindo para a integração entre as ações sobre a psique, o *socius* e o ambiente;
7. Refletir constantemente sobre sua prática, buscando a sistematização e viabilidade de pesquisas, como podemos observar no gráfico à baixo (1):

Publicação

Pesquisa

Produção teórica

Supervisão

Relatórios

Cl./Ter.

O QUE DEVE CARACTERIZAR A PRÁTICA MUSICOTERÁPICA, PARA ALÉM DA CLÍNICA ?

1. A possibilidade de estabelecer áreas de interseção, pontos de contato, entre diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo:
 - Música e Musicoterapia;
 - Musicoterapia e Filosofia;
 - Musicoterapia e Antropologia;

(1) - Gráfico apresentado por Lia Rejane Barcellos em palestra durante o II Encontro Latinoamericano de Musicoterapia (1998)

- **Música e Comunicação;**
- **Música e Medicina associadas à tecnologia;**
- **Musicoterapia e Psicologia;**
- **Musicoterapia e Educação Musical;**
- **Musicoterapia e Musicologia.**

2. Uma atenção constante com questões relativas à ética, tanto no estabelecimento das áreas de interseção citadas acima, como na participação efetiva da musicoterapia na promoção da saúde (entram aí temas críticos como poluição sonora, processos de subjetivação massificantes⁽²⁾, entre outros).

3. Participação, sempre que possível, da organização da carreira, procurando inserir-se nos movimentos e associações regionais e nacionais que buscam fortalecer a categoria dos musicoterapeutas.

4. Um olhar atento e um ouvir aguçado, crítico e aberto às diversas produções musicais dos segmentos sociais, que expõem toda a heterogênesse inerente ao que chamamos de Cultura (3).

Espero que essa reflexão, um tanto dispersa por apontar brevemente várias direções, possa ser desdobrada, gerando novas reflexões e tentativas de resposta.

(2) - Ver artigo "Reflexões acerca da clínica musicoterápica", apresentado neste Fórum.

(3) - Verificar artigo "Ruídos da massificação na construção da Identidade Sonora-Cultural", na Revista de Musicoterapia nº 3, UBAM, Rio de Janeiro, 1997.